

A PROGRESSÃO TÓPICA EM ENTREVISTAS DE TELEVISÃO

*Paulo Roberto Gonçalves Segundo**

Resumo: *O objetivo deste trabalho é descrever e analisar os mecanismos que determinam e marcam a progressão tópica, tendo em vista a relação desses elementos com as estratégias de polidez e preservação da face utilizadas tanto por entrevistadores quanto entrevistados, no caso, políticos, em entrevistas televisivas.*

Palavras-chave: *tópico discursivo; entrevista; face; polidez; políticos.*

Introdução

Uma entrevista é sobretudo uma técnica de interação social. Todos nós, independentemente de nossas atividades, vivemos situações em que ora somos entrevistadores ora entrevistados. Segundo Medina (2001: 08), é “um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano”, servindo também como técnica de interpenetração informativa, destinada, no caso da mídia, à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação.

Vista sob esta perspectiva, a entrevista da mídia deve ser concebida como uma interação que visa a atingir uma terceira parte: a audiência ou público. É, portanto, em função dos interesses desse grupo que se escolhem os entrevistados e os tópicos que serão abordados durante o programa.

* Bolsista de Iniciação Científica PIBIC-CNPq – (FFLCH/USP) – Área de Filologia e Língua Portuguesa.

Cabe, portanto, a entrevistador e entrevistado realizar o ato comunicativo, procurando informar e conquistar o público, ao mesmo tempo em que procuram preservar-se de ameaças a sua imagem pública. Essas ameaças estão diretamente ligadas a determinados atos de fala realizados por algum dos interlocutores ou, como ocorre na maioria das vezes, pela abordagem de algum tópico considerado ameaçador.

Desse modo, tanto entrevistador quanto entrevistado podem realizar redirecionamentos, movimentações ou até mesmo mudanças de tópico ao se depararem com alguma ameaça em potencial. O mesmo pode ocorrer, principalmente no caso de entrevistas com políticos, como tentativa de autopromoção ou como estratégia para cativar o público.

Assentado, portanto, no princípio de que a progressão tópica esteja intrinsecamente relacionada à preservação da face e ao processo de conquista do público, o projeto de estudo *A progressão tópica em entrevistas de televisão*, sob a orientação da profa. Drª. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade e o financiamento do programa PIBIC-USP/CNPQ, iniciou-se em agosto de 2002, com o objetivo de compreender, num primeiro momento, o funcionamento desse mecanismo e determinar quais os elementos formais que contribuem para a progressão do tópico discursivo.

Neste trabalho, apresentaremos os resultados parciais da pesquisa, baseadas em um *corpus* de duas entrevistas de, aproximadamente, 30 minutos, extraídas do Programa *Opinião Nacional*, apresentado pelo economista e jornalista Dirceu Brisola, veiculado até o começo de novembro pela Rede Cultura de Televisão.

1. Metodologia

Trabalharemos neste estudo com as teorias propostas pela Lingüística Textual, a Análise da Conversação e a Sociolinguística Interacional. Usaremos os conceitos usuais de tópico discursivo, na acepção de assunto, dotado das propriedades de centração e organicidade¹ (Koch et al., 1992) e de face como imagem pública (Goffman, 1970).

¹ "A centração é a propriedade de concentração em um determinado assunto (relevância), revelada pelo fato de que um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si (concernência), torna-se relevante em um dado ponto da mensagem (pontualização). A organicidade é a propriedade pela qual a topicalidade manifesta-se.

2. Entrevista: um caso particular de interação verbal

A entrevista é um tipo de interação verbal com características bem singulares em relação às demais, principalmente se a tomarmos nos campos da mídia ou do jornalismo.

Um dos princípios que regem, de modo geral, as interações verbais é a simultaneidade do seu planejamento e execução, sendo impossível prever, a princípio, os tópicos discursivos que serão abordados durante o ato comunicativo. No entanto, as entrevistas refutam, de certo modo, esse princípio, pois há, pelo menos da parte do entrevistador, um planejamento prévio dos tópicos discursivos que serão desenvolvidos no decorrer da interação tendo em vista os interesses do público, na realidade, os verdadeiros ouvintes da interação, visto que é a eles que ela se dirige.

Isso não quer dizer, entretanto, que a entrevista já esteja concebida ou que se pode prever o caminho que ela irá tomar antes mesmo do seu início. Pelo contrário, é "algo que se constrói a partir da negociação dos interlocutores e que depende diretamente das competências e intenções de cada um deles, bem como do modo como essa atividade se instaura e se desenvolve no intercurso conversacional" (Fávero e Andrade, 1998: 160).

Instauram-se, portanto, três diálogos concomitantes: entrevistador e entrevistado, e esses, por sua vez, com a audiência. Desse modo, entrevistador e entrevistado acabam desempenhando, na visão de Fávero e Andrade (1998: 157), "um duplo papel na interação: são cúmplices, no que diz respeito à comunicação, e oponentes, quanto à conquista desse mesmo público".

No entanto, entrevistador e entrevistado assumem papéis bem distintos na interação: ao primeiro cabe selecionar, conduzir os tópicos e administrar o tempo, enquanto ao segundo cabe o papel de informar. Desse papel informativo do entrevistado, decorre uma outra característica definidora da entrevista: a sua assimetria, ou seja, a centração ou predominância da posse dos turnos na figura do entrevistado.

por relações de interdependência que se estabelecem simultaneamente em dois planos: no plano hierárquico, conforme as dependências de superordenação e subordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência do assunto; no plano seqüencial, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições na linha discursiva" (Jubran: 1993: 62; parênteses meu).

As entrevistas podem assumir o tom de cordialidade ou tensão, resultantes geralmente da natureza do próprio programa. Entrevistas do programa *Roda Viva*, da Rede Cultura, tendem a ser tensas, devido ao seu caráter de debate, com vários entrevistadores e um só entrevistado. A própria distribuição espacial dos interlocutores, como numa arena, em que o entrevistado se encontra no centro e os entrevistadores em volta, num plano superior, favorece esse tom de tensão. Tais entrevistas recebem a classificação de *polêmicas*. Já as entrevistas do *Programa do Jô*, da Rede Globo, tendem a assumir o pôlo da cordialidade, recebendo a denominação de *contratuais*. Isso ocorre por diversos fatores: 1) a presença de uma platéia; 2) o culto à personalidade do entrevistador; 3) a proximidade entre entrevistador e entrevistado, favorecendo inclusive o toque; e 4) o caráter espetacular do programa.

No entanto, muitas vezes, é o contexto histórico-temporal, a personalidade do entrevistador ou do entrevistado e a natureza dos tópicos discursivos que determinam o caráter da entrevista, como ocorre nas entrevistas do programa *Opinião Nacional*, que compõem o *corpus* deste trabalho.

As entrevistas deste programa não possuem, por definição, um caráter específico, como ocorre nos programas supracitados. Esse caráter irá ser determinado por fatores contextuais e interacionais. Uma das entrevistas (E1) foi realizada com o então candidato à presidência, José Serra (JS), ainda em período eleitoral. A outra (E2), por sua vez, foi realizada após o período eleitoral, com o já eleito governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (GA).

O contexto histórico-temporal e a natureza dos tópicos influem diretamente no caráter das duas entrevistas. Em E1, há um alto grau de polemidade, verificado pela abordagem de tópicos ameaçadores, resultando em respostas paralelas ou desvios de tópico, tentativas de tomada e manutenção de turno e ameaças à face. Já em E2, realizada após o período eleitoral, o clima preponderante é o da cordialidade e de congratulação pela vitória nas eleições. Os assuntos abordados, portanto, referem-se ao plano de governo que será desenvolvido por Alckmin nessa nova etapa, não havendo grandes questionamentos sobre a sua consistência. São raros, conforme veremos, tentativas de manutenção ou assalto ao turno ou mesmo atos de ameaça à face por parte de algum dos interlocutores.

De qualquer maneira, o objetivo da interação ainda é o mesmo: informar, convencer e cativar o público. E, afinal, quem seria mais interessado em cativar seus ouvintes que um político?

3. O tópico discursivo: considerações sobre a sua progressão

O tópico discursivo pode ser tomado, no sentido geral, como *aquilo acerca do que se está falando*, decorrente de um processo colaborativo que envolve os participantes da interação, estando assentado numa rede de fatores contextuais, tais como conhecimento e visão de mundo, as circunstâncias em que ocorre a interação, etc. (cf. Koch et al., 1992).

Durante a conversação, não há um número delimitado de tópicos discursivos a serem desenvolvidos. Esse número, assim como a extensão de cada um, dependerá do interesse dos interlocutores, do contexto e do tempo disponível para a interação.

Em entrevistas televisivas, a questão do tempo é determinante e, portanto, o entrevistador, responsável pela condução da interação, pode provocar reorientações temáticas e mudanças de tópicos, tendo em vista o esgotamento do tempo do programa em relação ao interesse do público por determinados tópicos discursivos.

O encadeamento dos tópicos pode ocorrer de duas maneiras: pela *continuidade*, processo pelo qual a abertura de um novo tópico se dá pelo esgotamento do precedente ou pela *descontinuidade*, processo em que ocorre uma perturbação da seqüência linear devido a um corte ou cisão do tópico, podendo haver ou não retorno a ele. No primeiro caso, tem-se a *inserção*; no segundo, a *ruptura* ou *corte*.

Assim como nas conversações espontâneas, o processo mais comum de articulação intertópica é a *continuidade*, sendo o par dialógico Perguntas e Respostas (P-R) o mecanismo mais utilizado, ou seja, através de uma pergunta, o entrevistador abre um tópico que será desenvolvido pelo entrevistado até seu esgotamento, sendo substituído por outro, através de uma nova pergunta.

Entretanto, em interações polêmicas e entrevistas com políticos, digressões e inserções podem ocorrer com certa freqüência com o intuito de preservação da face ou de autopromoção, o que nos leva a concluir que, muitas vezes, a *descontinuidade* tópica deve ser entendida como uma estratégia de cunho nitidamente pragmático.

No presente trabalho, interessa-nos saber como se opera a continuidade e a descontinuidade tópica, em que contextos essa última ocorre, quais as marcas relevantes e de que maneira a polidez e as estratégias de preservação da face influem em ambos os processos.

4. Análise do *corpus*

As duas entrevistas que compõem o *corpus* de nossa análise foram extraídas do programa *Opinião Nacional*, apresentado pelo entrevistador Dirceu Brisola (DB), pela Rede Cultura. Veiculado até o começo de novembro de 2002, às 22h, e tendo como enfoque o panorama político, econômico e social do Brasil e do mundo, o programa recebia como entrevistados diversos especialistas de cada uma dessas áreas, além de políticos, principalmente durante o período eleitoral. Toda sexta-feira, o entrevistado era o cientista político Carlos Novaes, que comentava as entrevistas da semana e a dinâmica eleitoral do país.

As entrevistas eram realizadas num cenário configurado por uma mesa redonda, onde o entrevistador está de frente para o entrevistado, porém, a uma distância que não favorece o toque.

O público-alvo do programa é a pessoa culta, interessada na problemática político-econômica brasileira e mundial. Isso, somado ao papel social dos entrevistados, acaba levando as entrevistas a assumirem um tom formal, evidente nos nomes de tratamento e nas formas de polidez, e à abordagem de tópicos técnicos.

(1)

DB: governador *o senhor* numa primeira manifestação *o senhor* declarou-se eh contrário a essa esse movimento pela renegociação da dívida de estados e municípios que se esboçou... como sendo uma:: um vendo alguns governadores e prefeitos a oportunidade... de eh conseguir um alívio... né? pagar menos ao governo federal... *o senhor* se colocou contrariamente a isso primeiro eu queria lhe perguntar por quê?... (E2 – linhas 63-67)

Percebemos claramente o uso do pronome de tratamento “*senhor*”, utilizado em situações formais. Em entrevistas de determinados programas, como o *Programa do Jô*, prefere-se o uso da forma “*você*”, que possibilita mais facilmente o tom distenso e intimista. Além disso, o uso do marcador de atenuação *eu queria lhe perguntar* constitui-se como uma estratégia de polidez, que visa a atenuar a pergunta, sentida pelo entrevistador como ameaçadora, ao mesmo tempo em que visa a manter a cordialidade e a formalidade em relação ao entrevistado GA.

(2) Contextualização: JS e DB conversavam sobre as exigências do FMI e as suas implicações. Num determinado momento, DB quer certificar-se do método pelo qual o novo superávit primário exigido pelo FMI seria obtido.

DB: certo... e outra coisa e com relação a... ah a essa atitude do Fundo Monetário Internacional porque... de alguma forma o/ há uma relação entre esse superávit e a manutenção da/da relação dívida/PIB não é isso? quer dizer O que se pretende... é que... o: a dívida não cresça na sua porcentagem do PIB não é? pretende se estabilizar e depois fazer com que decline essa relação?... (E1 – linhas 30-35)

[
JS:

é

Neste exemplo, fica nítido o tom técnico do tópico discursivo. Pressupõe-se que o espectador tenha pelo menos um conhecimento mínimo de economia, sem o qual não se poderia entender o significado da pergunta e muito menos as discussões a respeito.

É característico do programa e do entrevistador iniciar a interação pela proposição do tópico central do programa. Em E1, o tópico central será o emprego, sob a ótica da impossibilidade de um crescimento econômico acentuado.

(3)

DB: dando seqüência à série de entrevistas com candidatos a presidente da República... Opinião Nacional recebe hoje o Senador José Serra... da Coligação Grande Aliança... formada pelo PSDB e PMDB... em seu programa de governo ele estabeleceu a meta de gerar oito milhões de empregos... e de obter um crescimento econômico da ordem... de quatro e meio por cento ao ano em média... de 2003 a 2006... se esse crescimento não for possível... como vão ser criados os empregos?... no ar pela Rede Cultura de televisão... Opinião Nacional... ((música de abertura)) Muito obrigado Senador José Serra pela sua presença aqui nos estúdios da Rede Cultura... e você que está assistindo ao programa participa pelo fax telephone ou e-mail que já aparece aí na sua tela... Senador o senhor justificou apoio ao acordo do FMI... dizendo que ele não representava um sacrifício adicional para os brasileiros ontem a meta do superávit primário foi aumentada de 3,75 para 3,88%... o que... é um sacrifício adicional... qual a sua posição diante disso? (E1 – linhas 01-13)

Logo após a proposição (em negrito), o entrevistador agradece a presença do entrevistado, convida o público a participar da entrevista, para depois fazer uma P aberta, introdutora de tópico: *qual a sua posição diante disso?*

O mecanismo mais utilizado para promover a progressão tópica é o par P-R. Como podemos atestar pelos exemplos anteriores, as perguntas podem se configurar como abertas (perguntas “sobre alguma coisa” — exemplo 1) ou fechadas (perguntas de “sim ou não” — exemplo 2).

Podem registrar um pedido de informação, confirmação, esclarecimento ou possuir uma natureza retórica (P formulada para que o ouvinte não responda, já que ambos já sabem a resposta; é uma estratégia de argumentação e de manutenção de turno).

São as perguntas, principalmente as abertas, as grandes responsáveis pela introdução, redirecionamento (retomada de algum tópico anterior) ou mudança de tópico discursivo. As respostas possuem, na quase totalidade dos casos, a função de dar continuidade ao tópico.

E1 já mostra, desde o princípio (ex. 3), que tenderá ao pólo polêmico. Logo na proposição do tema, há uma contestação do principal ponto do plano de governo do candidato José Serra. Ao centrar seu programa de governo na geração de empregos, o candidato JS parte do pressuposto de que o crescimento econômico ocorrerá. A situação hipotética de um crescimento aquém do esperado, que inviabilizaria o plano do candidato, torna-se um tópico ameaçador a ele. Como político, seu objetivo é convencer seus ouvintes sobre a superioridade do seu plano de governo e, por conseguinte, da sua candidatura. Admitir a possibilidade de um crescimento inferior ao que ele vem anunciando e prometendo é extremamente prejudicial à sua imagem e, portanto, à sua atuação nas eleições. Fica claro, portanto, que a posição óbvia tomada pelo entrevistado será a negação dessa possibilidade, como podemos atestar nos exemplos (4), (5) e (6):

(4)

JS: () Eu tenho otimismo pro ano que vem... MESmo Dirceu de verdade eu acho que no ano que vem a gente vai ser capaz de fazer a economia crescer... emprego () crescer junto... eh eu acho que nós vamos muito bem no ano que vem se soubermos administrar (E1 – linhas 58-61)

(5)

DB: certo agora com relação a: se não for possível esse crescimento quer dizer se o crescimento ficar aquém disso... o seu plano de: criação de empregos

existe um plano B quer dizer existe um plano para/ fazer/ o/o emprego crescer AINDa num cenário... de de crescimento econômico mais moderado?

JS: olha a economia vai crescer... porque nós vamos... fazer... a política certa... pra fazer ter o crescimento... (E1 – linhas 121 – 126)

(6)

DB: Mas por isso que eu estou lhe colocando esta pergunta quer dizer existe um plano B pra hiPÓtese de o senhor NÃO obter da economia brasileira por alguma razão não obter o crescimento econômico que se espera ou seja... existe um planejamento? [...] é possível melhorar a distribuição de renda mesmo (sem ter) um cenário... e o emprego também?

[

JS: (emprego também)... claramente óbvio... [...] mas veja bem... a economia vai crescer mais rapidamente você não tenha dúvida disto... (E1 – linhas 201 – 204; 207-210; 214-215)

Fica evidente nesses exemplos a determinação por parte de JS em fugir do tópico discursivo: plano B. Para se preservar e promover a sua candidatura, o candidato prefere evitar esse tópico, aplicando a suas respostas um tom otimista, de esperança para os ouvintes. É uma estratégia de persuasão utilizada por JS, evidenciada pela repetição dessa idéia de crescimento da economia.

Conforme veremos no exemplo (7), JS aproveita-se desta distorção para falar de seu programa de governo, mostrando que sabe como gerar esses empregos e, por conseguinte, mostra que o tópico discursivo “plano B” é prescindível. O candidato consegue, na verdade, alterar a perspectiva do tópico central da entrevista, proposto no início do programa. Deixa-se de falar sobre a existência e as características de um possível plano B para falar do modo como JS irá gerar os empregos, visto que a economia crescerá sem sombra de dúvida na sua administração.

Isso mostra que, embora caiba ao entrevistador selecionar e conduzir os tópicos, nem sempre ele o faz habilmente, o que atesta o princípio de que a entrevista é algo que se constrói pela negociação entre os interlocutores no momento da interação, mesmo que haja um planejamento prévio da parte de um ou de ambos os interlocutores.

(7) Contextualização: continuação do segmento (5)

JS: olha a economia vai crescer... porque nós vamos... fazer... a política certa... pra fazer ter o crescimento... agora dentro... do crescimento nós vamos dar força... para os setores que mais empregam... que setores são esses?... a/ agropecuária inclusive dentro dela a agricultura irrigada a agricultura familiar têm uma importância enorme... você tem o turismo... você sabe que nos nossos programas apareceu a questão turismo e nos grupos... muita gente diz mas como? turismo gera emprego?... gera... MUITO emprego... porque turismo é hotelaria é restaurante é compra de produtos né? roupa isso e aquilo... emprega muita gente... então agricultura turismo construção civil... agora... eh eh... o Banco Central já determinou com os bancos... eh... direcionar uma parte maior da caderneta de poupança... para habitação... Dirceu vai duplicar os recursos de: financiamento da caderneta de poupança pra habitação... isso mais fundo de garantia orçamento etc. então são três setores... outros dois muito importantes são educação e saúde... olha eu enquanto fui ministro... quatro anos... eh consegui aumentar o emprego na saúde mais de 300 mil pessoas... eu não fiz isso... eh fazendo empreguinhos muito pelo contrário... é o melhor emprego possível porque é pra melhorar o atendimento de saúde... (E1 – linhas 125-140)

Esse trecho confirma mais uma vez a estreita ligação entre o tópico discursivo e as estratégias de autopromoção e conquista do público, conforme afirmamos no início deste trabalho.

É também em função da conquista desse público e da preservação da face que, muitas vezes, o entrevistado recorre a correções. Vejamos no exemplo a seguir:

(8)

DB: agora no/no nesse livro que resultou de/de uma entrevista... que o senhor concedeu ao/ao Teodomiro Braga uma entrevista naturalmente eh... encor... menda uma entrevista que faz parte da campanha... mas no livro...

[

JS: não não foi... originalmente não era... e você lendo o livro você vai ver que não é um livro de propaganda...

DB: mas no livro/

[

JS: é um livro biográfico...

DB: no/no livro o senhor diz aqui à página 285 que o Brasil vai ter uma política de câmbio favorável ao comércio exterior... ora uma política... favorável ao comércio exterior pressupõe... um dólar alto... um câmbio alto...

[

JS: Mas não precisa ser três...

DB: o senhor acredita que isso possa se situar a/abaixo de três? (E1 – linhas 63-77)

Conforme podemos atestar por esse e em outros fragmentos do *corpus*, o entrevistador DB costuma fazer uma introdução explicativa ou expositiva antecedente à pergunta. Na maior parte dos casos, é a própria P que se configura de modo ameaçador; entretanto, nesse caso, é a asserção expositiva que adquire esta característica.

Ao afirmar que o livro era uma estratégia de campanha encomendada, DB ameaça a face de JS que, imediatamente, faz uma correção (em negrito), afirmando que o livro é de natureza biográfica. As correções, segundo FÁVERO et al. (1998), visam a preservar a face, visto que numa entrevista com políticos, o entrevistador busca, muitas vezes, desestruturar o entrevistado.

Na seqüência, JS faz uma nova correção, neste momento, referindo-se à própria afirmação contida no seu livro. DB faz uma interpretação própria das palavras de JS. Trata-se de um recurso interessante, de utilizar as palavras do próprio entrevistado para fazer uma P aberta acerca de um tema polêmico. Isso, além de desestruturar o entrevistado, faz transparecer uma aparente contradição nas idéias do mesmo, o que, no caso de políticos em época eleitoral, torna-se extremamente prejudicial para a sua imagem.

Em E2, verifica-se um cuidado maior da parte do entrevistador em formular as Ps. Embora essa entrevista não contenha tópicos muito ameaçadores, os poucos que aparecem são precedidos de marcadores de atenuação e, geralmente, são colocados por meio da participação dos telespectadores, um recurso muito comum no programa. Há uma tendência a colocar na seção dedicada à participação do telespectador perguntas polêmicas e ameaçadoras, retirando, desse modo, o peso e as implicações das mesmas da figura do entrevistador. Vejamos o exemplo a seguir:

(9)

DB: bom eu vou:: lhe fazer uma pergunta vários telespectadores estão aqui mandando parabéns pela sua eleição... mas eu vou lhe fazer uma pergunta... uma pergunta

[

GA: muito obrigado... eu... agradeço...

DB: um pouco mais menos confortável do que essa eu vou pedir ao senhor pra responder... logo após o nosso intervalo... eh quer saber dona Alice que é diretora de museu... como o senhor se portará nesse seu mandato (o) seu... não segundo mandato mas... ((rindo)) praticamente segundo mandato... eh:: com relação ao aume/ os salários o aumento do funcionalismo estadual?...
(E2 – linhas 141 – 149)

Podemos perceber facilmente que o marcador de atenuação (em negrito) funciona como uma estratégia de polidez, cuja função é preparar o entrevistado para a pergunta ameaçadora, de modo a fazê-lo responder, sem que ele se sinta ameaçado o suficiente para desviar do tópico discursivo proposto.

Nesse caso, ainda há outro fator de polidez importante: a congratulação. A congratulação funciona como uma estratégia de exaltação da face de outro interlocutor. A combinação dessa estratégia ao marcador de atenuação praticamente impede que Alckmin desvie dessa pergunta, visto que a fuga poderia soar como deselegante, o que ameaçaria a sua própria face. Afinal, GA não iria se negar a responder uma pergunta de um telespectador, visto que são eles que o elegeram e estão congratulando.

Dois outros recursos que comumente contribuem para a progressão tópica são os marcadores conversacionais e as repetições.

No exemplo (7), percebemos a presença do marcador agora. Esse marcador possui, dentre outras, a função de promover a mudança de tópico. Outros marcadores também possuem funções especiais relacionadas ao tópico discursivo. O marcador *certo* (ex. 2) possui a função de fechar um tópico discursivo, e o *olha* (exs. 5 e 7) contribui para a continuidade tópica, denotando, geralmente, uma orientação argumentativa adversativa.

As repetições, além de poderem se configurar como tentativas de manutenção de turno, possuem a função de retomar o tópico discursivo anterior após

uma digressão, correção ou assalto ao turno, como ocorre no ex. (7), em que DB repete a expressão no livro duas vezes, como tentativa de retomar o tópico que desenvolvia, cortado por correções de Serra, para, então, realizar a pergunta.

Considerações Finais

A progressão tópica é, como pudemos observar, um fenômeno que está intrinsecamente ligado às intenções comunicativas dos interlocutores. Nas entrevistas de televisão com políticos, essas intenções são principalmente a autopromoção, a conquista do público, preservação da face e, muitas vezes, a ameaça à face de outros políticos.

Percebemos também que o caráter polêmico ou contratual da entrevista interfere diretamente na progressão do tópico assim como as estratégias de polidez, que visam a instaurar a cordialidade na interação, diminuindo o risco de desvios de tópico e de ameaças à face.

Por fim, confirmamos a preponderância do par P-R como o principal condutor tópico, ressaltando que correções e digressões podem atrasar o desenvolvimento do tópico, interrompendo-o. A retomada dos mesmos pode ocorrer por meio de repetições com ou sem a presença de marcadores conversacionais, que podem operar em todas as esferas da progressão tópica: abertura, continuidade, fechamento e mudança de tópico.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. de O. "A repetição como elemento condutor do tópico discursivo" *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, São Paulo: Humanitas; p. 179-204, 1998.
- FÁVERO, Leonor Lopes e ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. "Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas". In: PRETI, Dino (Org.) *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 153-77, 1998.
- FÁVERO, Leonor Lopes e ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. e AQUINO, Zilda G. O. Perguntas e Respostas como mecanismo de coesão e coerência no texto falado. In: CASTILHO, Ataliba T. (Org.) *Gramática do Português Falado v. IV: Estudos Descritivos*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996.

FÁVERO, Leonor Lopes e ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. e AQUINO, Zilda G. O. de. "Discurso e interação: a reformulação nas entrevistas". In: *D.E.L.T.A.*, v. 14, n. especial, p. 91-103, 1998.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de la interacción*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

JUBRAN, Clélia C. A. S. "Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica" In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado, vol. III: As abordagens*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, pp. 61-74, 1993.

KOCH, Ingredore G. V. et alli. Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (Org.) *Gramática do Português Falado vol. II: Níveis de Análise Lingüística*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, p. 359-447, 1992.

MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*, 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORIN, Edgar. "A entrevista nas Ciências Sociais, no Rádio e Televisão" In: MOLÉS, Abraham A. et al. *Linguagem na Cultura de Massas: televisão e canção*. Petrópolis: Vozes, p. 115-35, 1973.

Resenhas

Abstract: The objective of this paper is to describe and analyze the mechanisms that establish and mark the topic progression, trying to relate them with the politeness and face preservation strategies, used by interviewers and interviewed, in this case, politicians, in television interviews.

Keywords: topic; interview; face; politeness; politicians.